

# FORCE: A COSTURA COMO PRÁTICA FEMINISTA DA ARTE CONTRA A CULTURA DO ESTUPRO E PROMOÇÃO DO CONSENTIMENTO

 Gabriela Traple Wiczorek\*

## Resumo<sup>1</sup>

O presente artigo aborda o trabalho do coletivo *FORCE: Upsetting Rape Culture*, encabeçado pela artista e arte-educadora Hannah Brancato e pela jornalista e ativista indígena cherokee Rebecca Nagle, com atuação crítica sobre a cultura do estupro e violência de gênero nos Estados Unidos e México. O foco específico é o *Monument Quilt*, iniciado em 2014. Nossa contribuição é informada por entrevista realizada com Hannah Brancato. O suporte metodológico do artigo é desenvolvido a partir das pesquisas de Julia Bryan-Wilson e Lora J. Bristow sobre bordado e costura como práticas feministas da arte; de Suzanne Lacy, Jacqueline Millner e Catriona Moore sobre arte comunitária; e de Catharine MacKinnon sobre consentimento.

**Palavras-chave:** Arte comunitária, feminismo, consentimento, cultura do estupro, espaços públicos.

## Abstract

### **FORCE: Quilting as Feminist Art Practice Against Rape Culture and for the Promotion of Consent**

This article addresses the work of the collective *FORCE: Upsetting Rape Culture*, headed by artist and art educator Hannah Brancato and Cherokee journalist and activist Rebecca Nagle, with a critical focus on rape culture and gender violence in the United States and Mexico. The specific focus is the *Monument Quilt*, initiated in 2014. This contribution is informed by an interview with Hannah Brancato. The methodological support for the article is developed from the research of Julia Bryan-Wilson and Lora J. Bristow on embroidery

---

\* Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/ UFRGS), Porto Alegre, 90020-180, Brasil.  
Endereço postal: Rua Sr. dos Passos, Centro Histórico, Porto Alegre – RS, 90020-180, Brasil.  
Correio eletrônico: gabrielatw@gmail.com

<sup>1</sup> Uma versão deste artigo foi apresentada no 44º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, realizado em outubro de 2024 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No momento da submissão, os anais do evento ainda não haviam sido publicados.

and sewing as feminist art practices; Suzanne Lacy, Jacqueline Millner and Catriona Moore on community art; and Catharine MacKinnon on consent.

**Keywords:** Community art, feminism, consent, rape culture, public spaces.

### Resumen

#### **FORCE: La costura como práctica feminista del arte contra la cultura de la violación y promoción del consentimiento**

Este artículo aborda el trabajo del colectivo *FORCE: Upsetting Rape Culture*, encabezado por la artista y educadora de arte Hannah Brancato y la periodista y activista indígena cherokee Rebecca Nagle, con actuación crítica sobre la cultura de la violación y la violencia de género en Estados Unidos y México. El foco específico es el *Monument Quilt*, iniciado en 2014. Nuestra contribución es informada por una entrevista realizada con Hannah Brancato. El soporte metodológico del artículo se desarrolla a partir de las investigaciones de Julia Bryan-Wilson y Lora J. Bristow sobre bordado y costura como prácticas feministas del arte; de Suzanne Lacy, Jacqueline Millner y Catriona Moore sobre arte comunitario; y de Catharine MacKinnon sobre consentimiento.

**Palabras clave:** Arte comunitario, feminismo, consentimiento, cultura de la violación, espacios públicos.

## 1. Introdução

Este artigo aborda o trabalho do coletivo *FORCE: Upsetting Rape Culture*. Por meio de intervenções públicas, instalações e performances, o coletivo busca promover o engajamento comunitário de sobreviventes e inserir a narrativa elaborada a partir da sua perspectiva em espaços institucionais. O foco específico de nossa análise é o *Monument Quilt* (Fig. 1), iniciado em 2014 e ainda em processo de institucionalização em parceria com o *Baltimore Museum of Art*, o Museu de História e Cultura Afro-americana Reginald F. Lewis, e museus de cinco universidades estadunidenses. Além da colcha, também serão abordadas as performances e oficinas relacionadas ao projeto, que mobilizaram centenas de pessoas entre voluntárias/os, líderes comunitárias/os e participantes.

Nossa contribuição é informada por entrevista realizada com Hannah Brancato<sup>2</sup>, em que se discutiram as origens e o andamento do projeto, as parcerias com instituições culturais e a forte influência da tradição do *quilting* como método de transmitir e preservar histórias. Em termos metodológicos, o artigo baseia-se nas pesquisas de Julia Bryan-Wilson e Lora J. Bristow sobre bordado e costura como práticas feministas da arte; de Suzanne Lacy, Jacqueline Millner e Catriona Moore sobre arte comunitária; e de Catharine MacKinnon sobre consentimento.

---

<sup>2</sup> A entrevista, realizada por videoconferência em maio de 2023, ainda não foi publicada, mas o documento pode ser solicitado à autora via e-mail.

**Figura 1**  
*Monument Quilt*, 2013-2019. Registro de intervenção realizada no National Mall, Washington DC (junho de 2019)



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture (<https://themonumentquilt.org/>).

## 2. FORCE

O coletivo *FORCE: Upsetting Rape Culture* foi criado em 2010 pela artista, ativista e professora Hannah Brancato e pela jornalista e ativista indígena cherokee Rebecca Nagle. O projeto foi criado com intuito de desafiar as estruturas sociais que perpetuam a cultura do estupro e criar espaços de acolhimento e diálogo entre sobreviventes de violência sexual por meio de práticas interseccionais. Além disso, o coletivo tem como uma de suas principais preocupações incluir as especificidades das comunidades LGBTQIA+, negra e indígena, assumindo uma firme posição contra a supremacia branca. Tendo suas principais atividades centralizadas entre Baltimore, no estado de Maryland (EUA), e a Cidade do México, o coletivo de arte e ativismo passou a contar com dezenas de integrantes e líderes comunitárias/os, e centenas de participantes e voluntárias/os em propostas locais e itinerantes (cf. *FORCE: Upsetting Rape Culture*).

Suas primeiras intervenções usaram a prática de *culture jams*<sup>3</sup> para abordar o consentimento. Em 2012, a campanha *Pink Loves Consent* subverteu a marca

<sup>3</sup> *Culture jam* é uma forma de comunicação de guerrilha derivada das práticas situacionistas, sendo usada para interromper ou subverter a cultura midiática e suas instituições culturais dominantes, incluindo a publicidade corporativa.

*Pink*, da *Victoria's Secret*, substituindo slogans por mensagens como *No Means No* e *Consent is Sexy* em peças de lingerie (Fig. 2). O site da campanha, que também fornecia dados e recursos para sobreviventes, recebeu 200 mil acessos em dois dias e maior engajamento do público com a hashtag #lovesconsent do que as hashtags da empresa nas redes sociais. A *Victoria's Secret* tentou remover a campanha judicialmente.

**Figura 2**

*Pink Loves Consent*, 2012. Registro de intervenção digital



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture  
(<https://upsettingrapeculture.com/pastprojects/pinklovesconsent/>).

Em 2013, o coletivo lançou um site com guias de consentimento para festas universitárias, utilizando o nome da revista *Playboy*. O site ficou no ar, com um aviso de que não é um conteúdo oficial da empresa<sup>4</sup>. De acordo com Brancato (2023), o período parecia propício para levar esse tipo de discussão sobre a cultura do estupro e a promoção do consentimento ao espaço público mediante parcerias e mobilizações que iniciavam nas redes sociais:

Desde o início, nos vimos criando espaço para conversas que não estavam acontecendo. E tentamos várias maneiras diferentes de criar esse espaço, contando com as mídias sociais nos primórdios das redes sociais. Então, é quase difícil falar sobre isso porque acho que o uso das redes sociais para organizar sobreviventes significava algo um pouco diferente naquela época, era uma ideia nova. Foi por volta de 2012, a Pri-

<sup>4</sup> O website foi retirado do ar em julho de 2025. Sua última verificação ocorreu em 18 de junho de 2025 e pode ser consultada em Internet Archive Wayback Machine ([https://web.archive.org/web/2025000000000\\*/partywithplayboy.com](https://web.archive.org/web/2025000000000*/partywithplayboy.com)) [Consultado em: 26 de outubro de 2025].

mavera Árabe, o movimento *Occupy Wall Street*. Era uma era diferente de organização. E foi a primeira vez, acho que foi a primeira onda, de usar redes sociais dessa forma. (Brancato, 2023)<sup>5</sup>

Ainda em 2012, o coletivo organizou uma série de projeções no prédio do Capitólio dos Estados Unidos intitulada *RAPE IS RAPE*. O trabalho foi motivado por comentários dos então deputados Todd Akin e Roger Rivard do Partido Republicano. Os legisladores e outros colegas de partido sugeriram uma alteração do código penal para classificar como crime de estupro apenas casos em que violência física extrema fosse utilizada contra a vítima (“forcible rape” ou “legitimate rape”), ignorando a necessidade de um consentimento afirmativo explícito para o ato (McCambridge 2012; Smerconish 2012). Além do título da série, foram projetados trechos de depoimentos e relatos de vítimas (Fig. 3).

### Figura 3

*RAPE IS RAPE*, 2012. Registro de projeção realizada no Capitólio dos Estados Unidos



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture

(<https://upsettingrapeculture.com/pastprojects/rapeisrape/>).

<sup>5</sup> A tradução deste excerto, bem como dos restantes aqui apresentados, é da autora. Trecho original da entrevista: “From the very beginning, we saw ourselves as creating space for conversations that were not being had. And we tried multiple different ways to make that room between relying on social media in the early days of social media. So it’s almost hard to talk about it because I think it meant something a little bit different than it does now to use social media to organize survivors because it was a new idea at the time. It was around the time of 2012, the Arab Spring, there was *Occupy Wall Street*. It was just a different era of organizing. And it was the first time, it was the first wave, I think, of using it that way.”

A questão do consentimento em uma sociedade demarcada pela desigualdade é discutida por Catharine MacKinnon (2016). Além da dificuldade em aplicar legalmente o conceito, para a autora,

[...] o conceito é inerentemente desigual, pressupondo simultânea e silenciosamente que as partes são iguais, quer sejam ou não. Ele se baseia tacitamente em uma noção da liberdade de quem é objeto do ato, na significância de o “voluntário” ser equivalente à iniciativa do “outro”, sob o que são, no sexo, tipicamente condições de fundo invisíveis, às vezes em primeiro plano, de desigualdade sexual (significando de gênero). É como se alguém pudesse ser livre sem ser igual — uma proposição nunca explicada ou sequer vista como necessitando de explicação. (MacKinnon 2016, 440)<sup>6</sup>

Assim, podemos considerar que o consentimento pode, frequentemente, ser forçado ou até mesmo usado para mascarar a coerção, especialmente quando a “voluntariedade” é presumida em situações em que há significativas assimetrias de poder ou falta de alternativas. É o caso dos estupros maritais, do trabalho sexual e do abuso de poder institucional. Ainda que o conceito seja falho e a ideia de “acolhimento” (*welcomeness*) proposta por MacKinnon (2016, 450) seja mais abrangente e completa, o consentimento foi disparador essencial para as discussões do coletivo FORCE. E foi central para o desenvolvimento das obras do coletivo em um momento que antecede a adesão massiva em 2017 ao #MeToo, projeto iniciado por Tarana Burke em 2006, quando discussões sobre consentimento e violência sexual tomaram grandes proporções na mídia e na esfera pública<sup>7</sup>.

A partir da experiência com o uso dos relatos, o coletivo inicia um trabalho de articulação com líderes comunitárias/os e organizações que oferecem serviços a vítimas de estupro e de tráfico sexual, bem como trabalhadoras do sexo, organizando conversas, performances e ateliês que culminariam na construção do *Monument Quilt*. Para Brancato, a ideia do monumento surge para atender à comunidade que se mobilizava em torno das outras ações do FORCE:

<sup>6</sup> Texto original: “[...] the concept is inherently an unequal one, simultaneously silently presupposing that the parties to it are equals whether they are or not. It tacitly relies on a notion of the freedom of the acted-upon, on the meaningfulness of the ‘voluntary’ balancing the initiative of ‘the other,’ under what are, in sex, typically invisible background, sometimes foreground, conditions of sex (meaning gender) inequality. It is as if one can be free without being equal – a proposition never explained or even seen as in need of explanation.”

<sup>7</sup> Popularizado após as denúncias contra o produtor de Hollywood Harvey Weinstein, desencadeou uma onda de relatos de sobreviventes em várias indústrias e países. A organização encabeçada por Burke criou uma plataforma para que as vítimas de violência sexual pudessem compartilhar suas experiências, oferecendo um senso de solidariedade e validação, além de oferecer uma lista com recursos psicológicos e jurídicos. Para mais informações, ver <https://metoomvmt.org/>

Construímos uma comunidade por meio desses projetos, e é por isso que os mencionei no contexto de como nos organizamos com as pessoas. Acho que decidimos mesmo fazer o *Monument Quilt* com base nesse público. Com base nas pessoas dizendo: “Ei, é legal fazer essas coisas visionárias sobre como poderia ser uma cultura de consentimento. Mas também, como sobreviventes, realmente não temos espaço para compartilhar o que passamos em público, e também precisamos disso”. Então, começamos o *Monument Quilt* como uma forma de responder a esse público. E desde o início sabíamos que seria uma tarefa bastante grande. (Brancato, 2023)<sup>8</sup>

### 3. Preparando o *Monument Quilt*

O trabalho de construção do *Monument Quilt*, uma colcha monumental pensada para ser exposta no gramado do *National Mall* em Washington, teve início em 2013. A partir de então, foram estabelecidos ateliês de costura que promoviam momentos de escuta sensível mediados por profissionais da saúde mental voluntárias/os e ativistas envolvidas/os na luta contra a cultura do estupro. Os ateliês acolheram sobreviventes homens e mulheres de diferentes idades, orientações sexuais e identidades de gênero, além de amigos e familiares, buscando atender uma comunidade diversa e incluir experiências variadas.

Os quadrados de tecido que compõem o *Monument Quilt* são confeccionados principalmente com materiais como algodão, feltro e outros tecidos duráveis, frequentemente enriquecidos com elementos adicionais, tais como bordados, pinturas, apliques e colagens, que representam as experiências pessoais das/os sobreviventes e o que elas/es têm a dizer sobre o tema (Fig. 4 e Fig. 5). As cores predominantes são o vermelho e o branco, escolhidas por seu simbolismo: o vermelho remete ao sangue, à dor e à resistência, enquanto o branco evoca a cura e a esperança, embora outras cores também possam ser utilizadas conforme a intenção de cada participante. Cada quadrado possui dimensões padronizadas de aproximadamente 1 metro quadrado. Os mais de 3 mil quadrados foram, então, agrupados em 750 blocos para facilitar a organização e a montagem da instalação.

Em entrevista, a cofundadora Hannah Brancato cita como principais inspirações para o projeto o *AIDS Memorial Quilt* e o trabalho da psiquiatra estadunidense Judith Herman sobre síndrome de estresse pós-traumático e recuperação

<sup>8</sup> Trecho original da entrevista: “We had kind of a community that we had built through those projects, and that’s why I mentioned them in the context of how did we organize with people. I think that we decided to even do the *Monument Quilt* based on that audience. Based on people saying, ‘Hey, it’s cool to do these visionary kinds of things about what a culture of consent could look like. But also, as survivors, we really don’t have space to share what we’ve gone through in public, and we need that too’. So we started the *Monument Quilt* in a way in response to that audience. And then from the beginning, we knew that it was going to be a pretty big undertaking.”

em vítimas de abuso sexual. O *AIDS Memorial Quilt* foi concebido como parte do *Names Project*, fundado em 1987 pelo ativista Cleve Jones como uma forma de homenagear e lembrar aqueles que faleceram devido ao descaso governamental em relação com o HIV e o preconceito contra os grupos mais atingidos. A colcha é formada por 48 mil painéis de tecido customizados com bordados, *patchwork*, pedrarias, tintas e itens pessoais de alguns dos homenageados (de mechas de cabelo a peças de roupa), pesa cerca de 54 toneladas e, quando aberta, ocupa um milhão de metros quadrados, sendo o maior projeto de arte comunitária já realizado (Bryan-Wilson 2017, 184). Foi exibida em sua integridade somente duas vezes, em 1987 e 1996, ambas no *National Mall*. Atualmente, a colcha é preservada pela *Names Project Foundation* e o *National AIDS Memorial*, e seu conteúdo pode ser acessado digitalmente<sup>9</sup>.

**Figura 4**

*Monument Quilt*, 2013-2019. Detalhe. Referência do quadrado: 169 Zona: NE2 Bloco: 66



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture (<https://app.themonumentquilt.org/>).

<sup>9</sup> Ver <https://www.aidsmemorial.org/interactive-aids-quilt>

Figura 5

*Monument Quilt*, 2013-2019. Detalhe. Referência do quadrado: 265 Zona: N3 Bloco: 105



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture ([https:// app.themonumentquilt.org/](https://app.themonumentquilt.org/)).

O *quilting*, segundo Lora J. Bristow (2013, 13), passou a ser amplamente considerado uma prática feminista da arte, tanto em seus aspectos materiais quanto em sua metodologia, a partir das décadas de 1960 e 1970, citando o artigo “Quilts: The Great American Art”, publicado por Patricia Mainardi em *The Feminist Art Journal* em 1973. Já Bryan-Wilson enfatiza a importância do trabalho *Feminist Series* (1972), de Faith Ringgold, e afirma:

Embora os historiadores da arte, desde a consolidação da disciplina, como Alois Riegl, tenham se debruçado sobre os têxteis para obter, entre outras coisas, teorias de padrão e estilo, na arena da história da arte contemporânea, devo enfatizar que foi o ativismo das feministas que trouxe os têxteis para o debate de forma mais proeminente. (Bryan-Wilson 2017, 13)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Texto original: “Though art historians since the consolidation of the discipline such as Alois Riegl have looked to textiles for, among other things, theories of pattern and style, within the arena of contemporary art history, I must emphasize, it was the activism of feminists that brought textiles more prominently into the conversation.”

E, apesar de historicamente associados ao doméstico e ao feminino, Bryan-Wilson exemplifica como os têxteis são reconfigurados em contextos contemporâneos para questionar normas sociais e políticas. Tal abordagem também é realizada pela historiadora da arte Ferren Gipson no livro *Women's Work: From Feminine Arts to Feminist Art* (2022), afirmando que:

A história do 'trabalho de mulher' fez com que materiais como tecidos e cerâmica se tornassem ferramentas especialmente poderosas para abordar questões feministas na arte moderna e contemporânea. Esses materiais são reforçados por uma capacidade especial de expressar histórias e perspectivas diversas de mulheres, devido às suas associações históricas com o feminino. Por essa razão, eles são os meios perfeitos para desconstruir estereótipos, explorar diferentes experiências da feminilidade e romper com espaços historicamente dominados por homens. (Gipson 2022, 6)<sup>11</sup>

Ademais, Bristow (2013, 18) comenta sobre a participação masculina nas comunidades de *quilting*, principalmente na contemporaneidade, fenômeno que caracteriza o trabalho do *NAMES Project*, e está presente nas atividades do FORCE em sua busca por inclusão e mudança. O coletivo também ressalta que a costura é uma atividade que possibilita a promoção do diálogo durante as oficinas, e Brancato (2023) afirma que, apesar de ser uma tarefa delicada, todas as atividades eram pensadas como ambientes seguros para trocas sensíveis, mesmo considerando as tantas diferenças entre participantes.

O trabalho de Herman inspirou a abordagem em relação à participação de sobreviventes e voluntários, além das políticas de cuidado empregadas pelo coletivo em suas atividades. Herman (1992, 181) destaca o valor terapêutico de as/os sobreviventes compartilharem suas narrativas de trauma em um ambiente seguro e de apoio que pode ajudar a processar o trauma, reduzir sentimentos de vergonha e quebrar o silêncio que muitas vezes perpetua o sofrimento. A psiquiatra também destaca a importância do apoio comunitário, quebrando uma lógica de isolamento, e desafiando os moldes sociais que revitimizam ou culpabilizam sobreviventes (Herman 1992, 214).

A partir disso, foram desenvolvidas rodas de conversa e oficinas como um prelúdio à colcha. Algumas dessas atividades resultaram nas performances *Mourning and Rage* (Fig. 6), realizada em fevereiro de 2014 na Lincoln Memorial Reflecting Pool em Washington, e *To Be Heard* (Fig. 7), realizada em junho de 2016 no Baltimore Museum of Art. Ambos os trabalhos são centralizados no comparti-

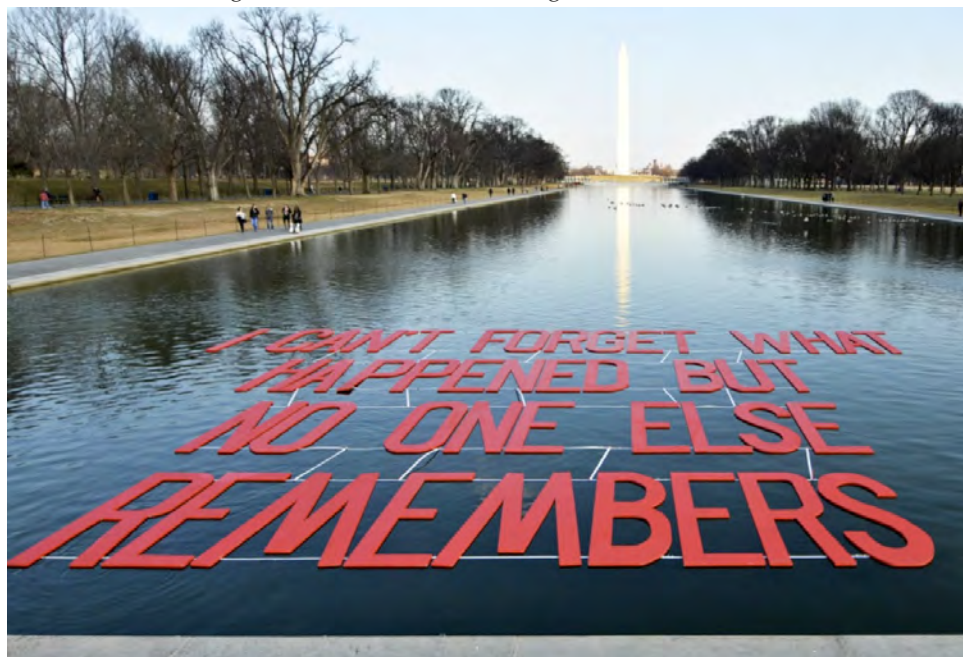
---

<sup>11</sup> Texto original: "The history of 'women's work' has meant that mediums like textiles and ceramics have served as particularly potent tools to engage with feminist issues in modern and contemporary art. These mediums are fortified with a special capacity to express women's stories and diverse perspectives through their historical associations with the feminine. For that reason, they are the perfect means of dismantling stereotypes, tapping into different experiences of womanhood and disrupting historically male spaces."

lhamento de relatos. No primeiro, a frase *I Can't Forget What Happens, But No One Else Remembers*<sup>12</sup> foi instalada em letras vermelhas flutuantes no espelho d'água do memorial após um cortejo. A frase foi retirada de um poema escrito por Brancato sobre sua experiência pessoal e vontade de criar um monumento permanente para vítimas e sobreviventes. O segundo trabalho consiste em uma performance criada por Melani Douglass, integrante do coletivo parceiro *Gather Together*, para acompanhar a exposição parcial da colcha (viabilizada pelo *Janet & Walter Sondheim Artscape Prize*) em uma sala do museu. Após o percurso interno, as participantes se reuniram em frente ao museu levantando faixas com os dizeres *I am not what's broken*<sup>13</sup>. Em outubro de 2016 foi organizada a atividade *Survivors Speak Out*, em parceria com *TurnAround Inc.*, organização que auxilia e presta serviços a vítimas de estupro, tráfico sexual e trabalhadoras do sexo.

### Figura 6

*Mourning and Rage*, 2014. Registro de intervenção realizada na Lincoln Memorial Reflecting Pool, National Mall, Washington DC (fevereiro de 2014)



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture  
(<https://upsettingrapeculture.com/pastprojects/mourningandrage/>).

<sup>12</sup> Em português: Eu não consigo esquecer, mas ninguém mais se lembra.

<sup>13</sup> Em português: Eu não sou o que está quebrado.

**Figura 7**

*To Be Heard*, 2016. Registro de intervenção realizada no Baltimore Museum of Art, Baltimore, Maryland (junho de 2016)



Fonte: FORCE: Upsetting Rape Culture (<https://upsettingrapeculture.com/pastprojects/tobeheard/>).

#### 4. Exibindo e arquivando o *Monument Quilt*

Durante um período de seis anos, enquanto aconteciam as intervenções no Museu de Baltimore e em locais representativos do centro do poder na capital dos Estados Unidos, as oficinas de costura e as versões parciais da colcha fizeram uma itinerância por cerca de 33 cidades dos EUA e México. Essa itinerância foi apoiada por 100 organizações de sobreviventes e incluiu diversas universidades, instituições culturais e até mesmo setores do exército.

A violência sexual nas universidades é um problema persistente, com estudos indicando que aproximadamente 11,2% das/os estudantes sofrem assédio sexual ou estupro durante o período acadêmico (Cantor et al. 2015, 15). Estima-se que 50% dos estupros cometidos ocorrem nos primeiros meses do ano letivo, quando as/os estudantes, especialmente calouras/os, estão mais vulneráveis a agressões sexuais (Flack et al. 2008, 1180). O período foi denominado *Red Zone*. Já a inclusão das forças armadas na discussão também é importante por diferentes fatores. Além do uso histórico de violência sexual como arma de guerra, dados obtidos pelo *Sexual Harassment/Assault Response and Prevention Program (SHARP)* demonstram que milhares de homens e mulheres em serviço sofreram algum tipo de abuso sexual em 2012. Uma nova pesquisa realizada pelo Departamento de Defesa em 2021 apontou que, de um total de 35.900 agressões sexuais, somente

7.260 foram denunciadas ou tiveram suas denúncias aceitas por superiores<sup>14</sup>. Além do descaso, é importante destacar como o tópico de vítimas do sexo masculino ainda é um grande tabu e largamente silenciado.

Materiais produzidos e distribuídos pelo FORCE demonstram a importância de promover uma cultura de consentimento em instituições intrinsecamente hierárquicas como o exército, a polícia, instituições governamentais e as universidades. O coletivo reconhece como tais instituições foram desenvolvidas a partir de ideais do supremacismo branco e utilizam a violência sexual como ferramenta de manutenção desses ideais, destacando suas origens coloniais e como a Justiça continua extremamente parcial ao homem branco. O coletivo também publicou manuais informativos sobre o modo como vítimas que oficializam suas denúncias são transformadas em culpadas pelo sistema penal<sup>15</sup> e quais as ações que a comunidade em geral pode realizar para impulsionar mudanças.

A exibição final do *Monument Quilt* ocorreu em maio de 2019 no *National Mall*, em Washington, quando as mais de 3 mil colaborações foram dispostas sobre o gramado formando os dizeres *No Estás Solx* e *You Are Not Alone* [Você não está só]. A instalação foi acompanhada de performances e leitura de experiências individuais e coletivas na construção e itinerância da colcha. Algumas das organizações parceiras montaram tendas para oferecer seus serviços ao redor da colcha. Pela primeira e única vez, o trabalho foi exposto em sua totalidade. Em 2020, o coletivo, em parceria com o Museu de Baltimore e outras instituições, iniciou o processo de arquivamento. Os blocos foram fotografados e catalogados, e diferentes partes da colcha foram incluídas em acervos institucionais. Também se criou um aplicativo e um *site* para permitir o acesso digital ao conteúdo.

## 5. Costurando comunidades

Assim como o *quilting* foi incorporado às práticas feministas da arte a partir da década de 1960, a arte comunitária perpassa a produção de diversas artistas feministas a partir desse período, mobilizadas pelos debates acerca dos direitos das mulheres, mas também pelas violências sofridas. É o caso de Suzanne Lacy, artista cuja abordagem comunitária sobre as violências perpetradas pela sociedade

---

<sup>14</sup> Com as novas políticas impostas pelo governo estadunidense a partir de janeiro de 2025, os *sites* contendo as pesquisas citadas foram retirados do ar. Entretanto, os dados podem ser consultados através da organização de políticas públicas RAND (s.d.) em seu *website* (<https://www.rand.org/pubs/tools/TLA746-2/handbook/resources/data-on-sexual-assault-in-the-military.html>).

<sup>15</sup> O documentário *Victim/Suspect* (2023), dirigido pela jornalista Nancy Schwartzman, exemplifica as questões apontadas pelo coletivo FORCE. A obra conta as histórias de mulheres acusadas pela polícia de fazer falsas denúncias de estupro, apesar de estarem dizendo a verdade. Schwartzman obteve gravações dos depoimentos e demonstra como interrogadores coagem as vítimas, às vezes violentamente, e distorcem relatos de modo a proteger os perpetradores.

patriarcal resultou em dezenas de projetos em diferentes contextos. Um dos trabalhos de Lacy, em colaboração com Leslie Labowitz, sobre vítimas de feminicídio, intitulado *In Mourning and Rage* (1977), pode ser considerado referencial para as intervenções do FORCE, principalmente uma das intervenções do coletivo de nome similar.

Lacy (2016, 239) afirma que trabalhos comunitários de caráter público possibilitam “locais de aprendizado mútuo nos quais as pessoas estruturam narrativas coletivas contextualizando suas experiências”, e indaga “Como é que as realidades individuais, reveladas em um contexto público, dão origem a entendimentos novos e potencialmente fortalecedores?”<sup>16</sup> Assim, a participação comunitária em projetos de larga escala tenta impulsionar o debate e influenciar mudanças na sociedade. No caso do FORCE, o objetivo é a conscientização sobre uma cultura de consentimento e a eliminação da violência sexual a partir do diálogo entre relatos tão diversos, bem como o questionamento das estruturas e instituições que perpetuam essa violência. Essa ideia também é reforçada por Lacy (2022, 26) no prólogo do livro *Art as Social Practice: Technologies for Change*, texto no qual afirma que “superar a divisão, a impotência e a ‘marginalização’ por meio da conversa é, eu diria, a metodologia fundamental da arte de prática social”<sup>17</sup>.

As pesquisadoras Jacqueline Millner e Catriona Moore abordam os aspectos de comunidade e participação nas práticas feministas da arte contemporânea em *Contemporary Art and Feminism*, ao analisarem trabalhos realizados em diferentes contextos, assim como a influência de artistas e comunidades indígenas e racializadas no desenvolvimento de “estruturas analíticas para considerar questões-chave de estratégia política, ativismo e prática” (Millner & Moore 2022, 2)<sup>18</sup>. As autoras (Millner & Moore 2022, 15) afirmam que artistas feministas se afastaram da análise da representação de gênero em sistemas ideológicos fixos e generalizáveis, em uma mudança da ‘política de representação’ para uma ‘política de ação’, permitindo articulações mais amplas da arte com movimentos sociais e políticos. Entretanto, para Millner e Moore (2022, 16) as artistas não abandonaram “a ideia feminista de que representações de diferença, busca pela verdade e reconciliação são processos de materialização e alusão: a estética como uma ética incorporada e afetiva” e tampouco a ideia de que o pessoal é político como parte da construção coletiva<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Texto original: “[...] sites of mutual learning where people frame collective narratives by contextualizing their experiences within larger equity issues”; “How do individual realities, revealed in a public context, give rise to new and potentially empowering understandings?”

<sup>17</sup> Texto original: “Overcoming division, powerlessness, and “othering” through conversation is, I would argue, the fundamental methodology of social practice art.”

<sup>18</sup> Texto original: “[...] analytical frameworks to consider key questions of political strategy, activism and practice.”

<sup>19</sup> Texto original: “[...] abandon the feminist idea that depictions of difference, truth-telling and reconciliation are processes of materialization and allusion: aesthetics as an embodied and affective ethics.”

O livro conta com uma discussão sobre o modo como as práticas feministas da arte contemporânea têm o potencial de reimaginar e desenvolver públicos e comunidades, contribuindo para a criação de espaços seguros. Millner e Moore (2022, 129) também abordam o ‘craftivismo’<sup>20</sup>, especialmente o trabalho têxtil realizado de forma colaborativa, como uma ética material do cuidado que, atrelada ao pensamento feminista, contraria “os binarismos de gênero e hierárquicos do pensamento ocidental que opõem arte e artesanato, masculino e feminino, o universal e o particular, o público e o privado”<sup>21</sup> e viabiliza práticas ativas de diálogo e cuidado comunitário.

A importância desse aspecto comunitário, central no processo de recuperação sugerido por Judith Herman (1992) e reforçado a todo momento pelo trabalho do coletivo, também é parte da análise de trabalhos têxteis realizados por artistas e coletivos feita pela historiadora da arte Julia Bryan-Wilson (2017), e parte integral da pesquisa de Lora J. Bristow sobre as relações sociais a partir do *quilt-ing*. Bristow (2013, 7) comenta que, historicamente, a atividade é considerada “importante para sustentar a comunidade e a sobrevivência individual, apoiando a cultura e a identidade do grupo”<sup>22</sup> em questão, estando ligada principalmente à sobrevivência de comunidades afro-americanas a partir do período da escravidão nos Estados Unidos, de comunidades indígenas e de comunidades brancas na região da Appalachia. Ou, seja, não estamos falando somente de um trabalho de arte comunitária, mas também de um trabalho de memória comunitária, fator de extrema importância para a criação do FORCE e de sua principal referência, o *AIDS Memorial Quilt*. Segundo Hannah Brancato (2023),

Acredito que os memoriais fazem parte de um arco maior de resposta comunitária à violência que tira o fardo do indivíduo. Esse era parte do objetivo do nosso projeto. A natureza temporária do nosso projeto é um chamado à ação. Nossa intenção era: “Isto é um chamado à ação”. Isso não vai durar para sempre. E o que o resto de nós vai fazer quando acabar?<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup> *Craftivism* é um termo que combina as palavras “artesanato” (*craft*) e “ativismo” (*activism*). O conceito se refere à prática de usar a criatividade e o artesanato para promover causas políticas ou sociais.

<sup>21</sup> Texto original: “[...] the gendered and hierarchical binaries of Western thought that oppose art and craft, masculine and feminine, the universal and the particular, public and private.”

<sup>22</sup> Texto original: “[...] an important part of sustaining community and individual survival, supporting group culture and identity.”

<sup>23</sup> Trecho original da entrevista: “I think memorials are part of a larger arc of community response to violence that takes the burden off of the individual. That was part of the goal of our project. The temporary nature of our project is about being a call to action. Our intention was, ‘This is a call to action’. This isn’t going to last forever. And what are the rest of us going to do when it’s gone?”

Brancato comentou sobre as particularidades de um memorial realizado com materiais que necessitam de cuidado especial em seu manejo e manutenção. Ao analisar os *quipus*<sup>24</sup> de Cecilia Vicuña e o trabalho das *arpilleras*<sup>25</sup> chilenas, Bryan-Wilson (2017, 178) tece uma reflexão parecida, apontando como “as fibras e os tecidos são encarregados da complexa tarefa de manter a memória, mesmo que, como o tecido, as memórias se desbotem, se desgastem com o uso excessivo e se tornem esgarçadas”<sup>26</sup>.

## 6. Considerações finais

O trabalho do coletivo *FORCE: Upsetting Rape Culture* foi uma tentativa de incentivar discussões sobre violência sexual e promoção de uma cultura do consentimento a partir das experiências de sobreviventes. O coletivo e as diversas comunidades envolvidas com o projeto puderam desenvolver um espaço para processar suas experiências, buscar e ofertar auxílio e, principalmente, descobrir que não estavam sozinhas. Misturando uma abordagem midiática com táticas de engajamento comunitário, Brancato e Nagle conseguiram ultrapassar a discussão sobre consentimento. Este conceito, que serviu como disparador essencial para as discussões públicas do coletivo FORCE – especialmente em um período que antecede a adesão massiva em 2017 ao *#MeToo* –, foi corretamente definido por Catharine MacKinnon (2016) como insuficiente para centralizar as experiências das/os participantes e desenvolver um tipo de crítica coletiva às instituições que possibilitam a perpetuação da cultura do estupro.

A criação de um monumento, mesmo a partir de um suporte frágil e de instalações efêmeras, segue uma tradição da arte feminista e da arte engajada, como apontado por Suzanne Lacy (1995; 2016) e Julia Bryan-Wilson (2017). E, como afirma Hannah Brancato (2023), a relevância do projeto é amplificada por sua natureza temporária, que questiona o que será feito pela comunidade quando a obra não estiver mais visível. Espera-se que cada fragmento do *Monument Quilt*, exposto nas instituições culturais e de ensino que os adquiriram, siga possibilitando discussões, pesquisas e novas práticas artísticas.

Mas temos visto que as condições de avanço dos direitos das mulheres e demais grupos tratados como minorias sociais que viabilizaram um trabalho cuidadoso, mas de teor extremamente crítico, também são frágeis. Se no México

<sup>24</sup> Os *quipus* foram estruturas de tramas utilizadas pelos incas como sistema de escrita, para registro de histórias e cantos em língua quéchuá.

<sup>25</sup> A *arpillera* é uma forma de arte têxtil chilena, feita com retalhos de tecido costurados e bordados à mão, que retrata cenas cotidianas, temas políticos ou denúncias sociais.

<sup>26</sup> Texto original: “Together, these textiles continue to ask questions about how fibers and cloth are charged with the complex task of memory keeping, even as, like fabric, memories fade, wear through with too much use, and go threadbare.”

a eleição, em 2024, de Claudia Sheinbaum como a primeira mulher presidente potencializa as esperanças de um olhar mais atento às violências de gênero na administração do país<sup>27</sup>, do outro lado da fronteira as coisas são diferentes. Com a reeleição de Donald Trump no mesmo ano e o ritmo acelerado de retirada de direitos e censura de qualquer tópico que possa ser relacionado com a temática da diversidade em 2025, a situação dos direitos das mulheres e pessoas LGBTQIA+ é preocupante. Os dados mais atualizados apresentados pelo *National Sexual Violence Resource Center* em 2025 são de uma análise publicada em 2023 sobre o biênio 2016/2017<sup>28</sup>, por exemplo. Além dos laços entre o presidente e o silenciamento do caso Epstein, Trump teceu comentários públicos sobre a não criminalização da violência doméstica (Donegan 2025). Segundo a jornalista e pesquisadora Moira Donegan, a administração está fazendo o possível para retirar fundos de organizações que promovem a proteção e os direitos das mulheres, especialmente no caso de ONGs trans inclusivas. Condição também a concessão de fundos a ONGs de combate à violência doméstica, exigindo que colaborassem com o Serviço de Imigração e Controle Aduaneiro (ICE – *Immigration and Customs Enforcement*) na entrega de mulheres que fossem vítimas de abuso. Essa política, por sua vez, dificultaria seriamente que mulheres sem documentação buscassem assistência e apoio.

Assim, o *Monument Quilt* se transformou em algo mais que um memorial para sobreviventes de violência sexual. Ele agora é um memorial de um período em que o diálogo sobre esse tema foi incentivado e abraçado por diferentes grupos e instituições em seu país de origem. Um período de reflexão. Agora, esperamos que o trabalho do FORCE sirva como um chamado para a ação e o enfrentamento, como descrito por Brancato em nossa entrevista. Não somente como um exemplo de cuidado comunitário e mobilização coletiva através da arte, mas de como é essencial seguir questionando explicitamente as estruturas de domínio dos corpos, quem as mantém e a quem elas beneficiam.

### Conflito de interesses

A autora declara não ter nenhum conflito de interesses.

---

<sup>27</sup> Ainda em 2024, Sheinbaum assinou um decreto para reformar sete leis secundárias visando proteger as mulheres no país. As mudanças visam promover a igualdade substantiva, a perspectiva de gênero e o direito das mulheres a uma vida livre de violência, além de combater a diferença salarial. O decreto modifica a Lei Geral para a Igualdade entre Mulheres e Homens, estabelecendo um certificado de Igualdade de Gênero e Não Discriminação, e a Lei Geral de Acesso para as Mulheres a uma Vida Livre de Violência, que agora exige que agressores saiam de casa em casos de violência de gênero, independentemente de quem seja o proprietário. A nova legislação também cria o Registro Nacional de Medidas e Ordens de Proteção e conceitua a “violência vicária” no Código Nacional de Procedimentos Cíveis e Familiares, que se refere a atos que buscam prejudicar mulheres através de seus filhos ou parentes próximos.

<sup>28</sup> Ver <https://www.nsvrc.org/saam/about-2025>

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

## Referências

- Brancato, Hannah. 2023. Entrevista por Gabriela Traple Wieczorek (não publicada). Videoconferência, 25 de maio.
- Bristow, Lora J. 2013. "Work: Social Relations of Quilting." Dissertação de Mestrado, California State Polytechnic University, Humboldt. <https://digitalcommons.humboldt.edu/etd/1227/>
- Bryan-Wilson, Julia. 2017. *Fray: Art and Textile Politics*. University of Chicago Press.
- Cantor, David, Bonnie Fisher, Susan Helen Chibnall, et al. 2015. *Report on the AAU Campus Climate Survey on Sexual Assault and Sexual Misconduct*. Association of American Universities. [https://www.aau.edu/sites/default/files/%40%20Files/Climate%20Survey/AAU\\_Campus\\_Climate\\_Survey\\_12\\_14\\_15.pdf](https://www.aau.edu/sites/default/files/%40%20Files/Climate%20Survey/AAU_Campus_Climate_Survey_12_14_15.pdf)
- Donegan, Moira. 2025. "Trump Apparently Thinks Domestic Violence Is Not a Crime. That Makes Sense". *The Guardian*, 9 de setembro. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/sep/09/trump-domestic-violence>
- FORCE: Upsetting Rape Culture. Site oficial do coletivo. <https://upsettingrapeculture.com>
- FORCE: Upsetting Rape Culture. The Monument Quilt. <https://themonumentquilt.org/>
- Gipson, Ferren. 2022. *Women's Work: From Feminine Arts to Feminist Art*. Frances Lincoln. Kindle.
- Herman, Judith. 1992. *Trauma and Recovery: The Aftermath of Violence: From Domestic Abuse to Political Terror*. Basic Books.
- Flack, William F. Jr., Marcia L Caron, Sarah J Leinen, et al. 2008. "Red Zone: Temporal Risk for Unwanted Sex Among College Students." *Journal of Interpersonal Violence* 23(9): 1177-1196. <https://doi.org/10.1177/0886260508314308>
- Lacy, Suzanne. 1995. "Cultural Pilgrimages and Metaphoric Journeys." In *Mapping the Terrain: New Genre Public Art*, editado por Suzanne Lacy, 19-49. Bay Press.
- Lacy, Suzanne. 2016. "Strategies Framing Narratives for Public Pedagogies." In *A Companion to Public Art*, editado por Cher Krause Knight & Harriet F. Senie, 239-244. Wiley Blackwell.
- Lacy, Suzanne. 2022. "The Medium Is Not the (Only) Message." In *Art as Social Practice: Technologies for Change*, editado por xtine burrough & Judy Walgren, 23-27. Routledge.
- MacKinnon, Catharine A. 2016. "Rape Redefined." *Harvard Law & Policy Review* 10: 431-478. [https://journals.law.harvard.edu/lpr/wp-content/uploads/sites/89/2016/06/10.2\\_6\\_MacKinnon.pdf](https://journals.law.harvard.edu/lpr/wp-content/uploads/sites/89/2016/06/10.2_6_MacKinnon.pdf)
- McCambridge, Ruth. 2012. "Akin, the GOP, and the 'Wicked Problem' of Reproductive Rights." *Nonprofit Quarterly*, 22 de agosto. <https://nonprofitquarterly.org/akin-the-gop-and-the-wicked-problem-of-reproductive-rights/>
- me too. International. Site oficial. <https://metoomvmt.org/>
- Millner, Jacqueline, & Catriona Moore. 2022. *Contemporary Art and Feminism*. Routledge.
- National Sexual Violence Resource Center (NSVRC). 2025. About SAAM 2025. <https://www.nsvrc.org/saam/about-2025>
- RAND. n.d. Prevalence of Sexual Assault in the Military: Risk and Protective Factors, Data Sources, and Data Uses. <https://www.rand.org/pubs/tools/TLA746-2/handbook/resources/data-on-sexual-assault-in-the-military.html>

Schwartzman, Nancy. 2023. *Victim/Suspect*. 90 min. Netflix.  
Smerconish, Michael. 2012. "I Want a Platform Fight." *HuffPost*, 29 de agosto. [https://www.huffpost.com/entry/i-want-a-platform-fight\\_b\\_1831378](https://www.huffpost.com/entry/i-want-a-platform-fight_b_1831378)

**Gabriela Traple Wiczorek.** Doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuindo título de mestre em Artes Visuais pela mesma instituição com a dissertação "Nos Queremos Vivas: arte contemporânea sobre feminicídio no Brasil e no México". Atualmente, pesquisa as interseções entre arte, feminismos e práticas sociais.

*Artigo recebido em 28 de maio de 2025 e aceite para publicação em 25 de setembro de 2025.*

Como citar este artigo:

[Segundo a norma Chicago]:

Wiczorek, Gabriela Traple. 2025. "FORCE: A costura como prática feminista da arte contra a cultura do estupro e promoção do consentimento." *ex æquo* 52: 131-149. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.10>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Wiczorek, Gabriela Traple (2025). FORCE: A costura como prática feminista da arte contra a cultura do estupro e promoção do consentimento. *ex æquo*, 52, 131-149. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.10>



Este é um artigo de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: [apem1991@gmail.com](mailto:apem1991@gmail.com)

